A LITERATURA INFANTIL E O RESGATE DOS CONTOS DE FADAS CHILD LITERATURE AND REDEEMING FAIRY TALES

Vanessa Pereira da Paixão Cardoso
Moises Lucas dos Santos

RESUMO

O artigo apresenta uma abordagem sobre a literatura infantil e seu gênero contos de fadas, tendo como principal objetivo, reconhecer a importância dos contos de fadas na infância, considerando-os como uma obra de arte prazerosa de narrativa curta que envolve o psicológico e emocional finalizando sempre com finais felizes, sendo de contato essencial que possibilitará a orientação e formação de forma lúdica e pedagógica. Procuraremos responder ao problema que originou este artigo, por meio de três temas, sendo eles: contos de fadas: muito mais que era uma vez; lições, atitudes e intenções nos contos; o professor e o compromisso com a literatura. O presente artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica utilizando autores como Bettelheim, Regina Zilberman, Nelly Novaes Coelho, Ligia Cadenartori, dentre outros, visando, a partir de uma abordagem exploratória, a discutir algumas definições em torno dos contos de fadas com seus temas variados e suas inúmeras possibilidades de abordagens e interpretações, analisados como importantes para desenvolvimento para a formação do indivíduo como um leitor, com a mediação, contribuição e valorização do professor, pais e pedagogos. Incentivar um hábito e gosto pela leitura lendo e ouvindo as histórias, é uma forma terapêutica nos processos de ensino-aprendizagem infantil possibilitando o envolvimento e ativação da fantasia, criatividade e imaginário, estabelecendo suas morais, valores e conceitos educativos, despertando-os o interesse pela leitura, fazendo-os identificar com seus personagens com o intuito de atender as suas necessidades psíquicas refletindo questões diante da realidade, cultural, identidade, cotidiano, pensamentos, desejos, surgimento de novas opiniões e percepção de mundo.

Palavras-Chave: Educação Infantil; Literatura infantil; Contos de fadas; Arte.

ABSTRACT

The article presents an approach on children's literature and its genre fairy tales, whose main objective is to recognize the importance of fairy tales in childhood, considering them as a delightful work of short story that involves the psychological and emotional ending always with happy endings, being of essential contact that will enable guidance and training in a playful and pedagogical way. We will try to answer the problem that originated this article, by means of three themes, being: fairy tales: much more than it was once; lessons, attitudes and intentions in stories; the teacher and the commitment to literature. The present article consists of a bibliographical research using authors as Bettelheim, Regina Zilberman, Nelly Novaes Coelho, Ligia Cadenartori, among others, aiming, from an exploratory approach, to discuss some definitions around fairy tales with their varied themes and their numerous possibilities of approaches and interpretations, analyzed as important for development for the formation of the individual as a reader, with the mediation, contribution and appreciation of the teacher, parents and pedagogues. Encouraging a habit and liking for reading by reading and listening to the stories is a therapeutic form in the processes of teaching and learning of children, enabling the involvement and

activation of fantasy, creativity and imagination, establishing their moral values and educational concepts, arousing their interest by reading, making them identify with their characters in order to meet their psychic needs reflecting issues facing reality, cultural, identity, everyday, thoughts, desires, emergence of new opinions and perception of the world.

Keywords: *Child education; Children's literature; Fairy tale; Art.*

INTRODUÇÃO

O artigo, ora apresentado, enfatiza o aspecto lúdico da leitura, identificando-o como um processo prazeroso, tanto para o leitor como o ouvinte, que relaciona diversas pessoas, dentro e fora da sala de aula, tendo como finalidade o reconhecimento e a importância da leitura resgatando livros infantis, como o gênero contos de fadas na infância.

A leitura é essencial e imprescindível para a evolução social, pois se trata de uma fonte de entretenimento, prazer e de aquisição aos conhecimentos que nos faz aprender, explorar. Em específico, trata-se dos contos de fadas.

Apresenta como a literatura infantil possui atemporalidade, universalidade, ancestralidade que ainda que seja direcionada para a criança, não se limita a ser apenas para ela. Adultos se surpreendem ao ler um livro infantil, pois os levam à nostalgia, ou seja, lhes traz prazer ao voltar aos tempos de suas infâncias.

Tendo base da literatura infantil, projetos didáticos e pedagógicos vêm garantindo efetivamente a formação de leitores analisando a importância do papel do pedagogo neste processo com o apoio efetivo da escola.

O pedagogo é o responsável por realizar essas atividades dentro da escola com o propósito de trazer e garantir ao aluno o mundo da leitura, aventurando-se, conhecendo a sua identidade, construindo um pensamento próprio e se reconhecendo mediante a sua cultura.

Esses projetos podem ser realizados em qualquer área da escola (bibliotecas, quadra de esporte, ginásios) com o objetivo de aproximar os pais aos filhos e para aos alunos a aproximação da leitura podendo ser feita em qualquer lugar sendo um processo de grande importância.

Nesse sentido, o tema ora apresentado, destaca a importância da conceituação dos contos de fadas e suas características que diferem de outros tipos de literatura infantil, diversos exemplos essenciais de contos, que são grandes obras marcantes para os adultos e crianças.

A partir da percepção acerca da necessidade de se favorecer a inclusão da literatura na Educação Infantil — não apenas como momento voltado para a ludicidade — como integrante do processo permanente de ensino-aprendizagem, o artigo, então, vislumbra e enfatiza o gênero literário conto de fadas a partir de suas múltiplas abordagens no tocante aos objetivos da Educação Infantil.

Enraizando na história de suas formações, levando-os a criar memórias, surge, então, inquietações que norteiam o problema abordado a partir do grande questionamento: Qual a real influência dos contos de fadas na construção da formação e o gosto pela literatura entre as crianças?

É interessante e fascinante que crianças estejam envolvidas em diversos gêneros de literatura Infantil, como: o conto de Fadas, histórias clássicas, lendas, fábulas, histórias de fadas e relatos místicos. Mas, são os contos de fadas que contribuem para a formação do aluno.

O que tem despertado o interesse das crianças pela leitura é a forma como determinadas obras atendem as suas necessidades psíquicas. Uma verdadeira obra literária mostra a realidade de uma forma nova e criativa à criança, deixando espaço para que descubra o que está nas entrelinhas do texto.

Assim, o objetivo geral nesse artigo é reconhecer a importância dos contos de fadas na infância. Já os objetivos específicos são como destacar a importância dos contos de fadas no processo de ensino-aprendizagem infantil, identificar valores e conceitos educativos nos contos de fada e valorizar a mediação do professor na formação da criança e no gosto pela literatura por meio do gênero conto de fadas.

Metodologicamente, o artigo foi construído a partir das contribuições da pesquisa bibliográfica, pois essa permite-nos aproximar do tema, considerando que autores como Lígia Cadenatori, Regina Zilberman e Nelly Novaes Coelho, por exemplo, abordam a literatura infantil como um elemento de informações essencialmente para a formação da criança.

Organizado em três partes, o artigo primeiramente adentra nos aspectos conceituais da literatura infantil a partir dos contos de fadas. Em seguida, no segundo título são consideradas as lições e abordagens morais que os contos de fadas carregam consigo e por fim, no terceiro título, são destacados aspectos que norteiam a importância do professor no acesso e socialização da literatura infantil.

CONTOS DE FADAS: MUITO MAIS QUE ERA UMA VEZ

Em introdução à Literatura Infantil e Juvenil, Góes (1991), enfatiza que os primeiros contos criados foram com histórias bem antigas, passadas de geração em geração, visto que seus primeiros relatos e aparições foram através de narrações feitas por camponeses que outrora se reuniam em lugares de bom gosto, ao pé de lareiras para entreter-se de suas vidas pobres, simples e seus afazeres domésticos.

Ressalta ainda que é durante a Idade Média que os contos e lendas ganham forte poder e riqueza inspirados inicialmente pelo francês Charles Perrault (1628-1703), considerado o pai da literatura infantil, a partir de um exercício de adaptação para o universo infantil das histórias existentes, minimizando alguns aspectos nelas existente, visto que nelas haviam vestígios de registros de violência, canibalismo, estupros, pedofilia, automutilação com finais bem dramáticos. Assim, essa releitura passou a ser reconhecida como conto de fadas.

Seus contos em alguns momentos, caracterizavam-se por um certo sarcasmo em relação às questões populares, pois suas obras eram marcadas pela preocupação de fazer uma arte moralizante encerrando de forma como poesia, através de uma literatura pedagógica.

Com suas primeiras criações de Contos de fadas, algumas de suas publicações passaram a ser cada vez mais conhecidas. Afinal de contas, qual criança — ou mesmo adulto — nunca ouviu ou leu, por exemplo, Contos da Mamãe Gansa, que reunia diversas histórias como Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, O Barba Azul, A Gata Borralheira”, Cinderela ou O Pequeno Polegar?

Outro expoente dessa vertente foi Hans Christian Andersen (1805-1875), cujas obras mais conhecidas são A pequena sereia, O Soldadinho de chumbo, O patinho feio e A rainha da Neve, por exemplo. Suas histórias eram marcadas com temas mais sombrios oriundos das tradições populares. É considerado o poeta das fadas, pertencente ao Romantismo e sempre preocupado em ressaltar a disputa entre poderosos e figuras mais fracas.

Logo depois, vieram as publicações dos irmãos Grimm (Jacob (1785-1875) e Wilhelm (1786-1859), com suas famosas obras Branca de neve, Chapeuzinho

Vermelho, João e Maria e O lobo e os sete carneirinhos, dentre outras, trazendo suas pequenas diferenças e características de cenas sangrentas, romantismo, tradição popular e figuras religiosas.

Em Introdução à literatura Infantil, Lucia Pimentel Góes, destaca que, aos poucos, foram surgindo diversos escritores e autores importantes como Sir James Barrie, Hans Christian Andersen, Lewis Carrol, L. Frank Baum, Madame Laprence de Beaumont e outros, famosos por enaltecem a literatura Infantil.

De acordo com os autores Abramovich (1997) e Coelho (2003), os contos de antigamente eram destinados aos adultos com cenas hediondas, canibalismo, adultério, mostrando os desejos de justiça do povo, medos, revoltas e só teve suma importância quando passou a ser construído para as crianças de maneira lúdica.

Para entendermos de maneira mais clara os contos de fadas, abordaremos a relação entre eles e o aprendizado da criança. Para isso, teremos de dispor das seguintes questões: O que são fadas? De onde surgiram? Quando surgiram? Qual o impacto que causa no imaginário? A leitura de contos de fadas é considerada uma atividade Lúdica ou Pedagógica? Por que pais e professores buscam esse tipo de leitura para aperfeiçoar o aprendizado?

Em sua obra, Góes, enfatiza que a palavra fada já nos remete à imaginação de algo mágico, que vem do latim *fatum*, sendo de origem grega, que significa brilho, clareza e destino, que são criaturas mágicas, pagãs, mitológicas que formam a representação de algo humano que possui asas, representadas por figuras femininas, pequenas e belas.

As fadas nasceram da imaginação dos homens, sendo dotadas de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, e encarnam a possível realização dos sonhos ou ideais inerentes à condição humana, sendo um instrumento de moral e informação.

A partir das contribuições da mesma autora, os contos de fadas são histórias de ficção, de natureza espiritual/ética/existencial, denominados gêneros da literatura infantil que apresentam características de uma narrativa curta, envolvidos por simbologias místicas os quais representam dois mundos: o inconsciente (magia, desconhecido) que trazem lutas, dom sobrenatural, personagens e objetos enfeitados, trazendo sempre como mediadores, além das fadas, talismãs, varinhas mágicas, princesas, príncipes e reis, e os opositores personagens como magos, bruxas, gigantes, feiticeiros, seres maléficos, duendes, e o consciente (racional, lógico).

Os contos de fadas são considerados obras de arte, por possuir um impacto psicológico sobre a criança. O psicólogo Bruno Bettelheim afirma que “os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é” (BETTELHEIM, 1980, p. 20). Isso remete à ideia de que tais contos enriquecem a vida das crianças, dando uma dimensão encantada.

O autor ainda destaca que um livro não é específico e importante para a idade da criança, somente a própria criança leitora pode determinar e revelar como vai reagir emocionalmente diante da leitura. Somente com a história original é que o verdadeiro significado e impacto pode ser apreciado e “só a própria história permite uma apreciação de suas qualidades poéticas, e com isto uma compreensão da forma como enriquece uma mente suscetível”. (BETTELHEIM, 1980, p. 28).

Ao longo do tempo, grandes clássicos sofreram adaptações e alterações nas histórias, pois antigamente os autores não tinham a preocupação em desenvolver com ludicidade em prol da formação da criança, como é atualmente.

Muito do que sabemos foi construído a partir de produções cinematográficas dos estúdios Walt Disney que foram responsáveis por produzir algumas adaptações modernas como A branca de neve e o caçador (2012), Deu a louca na Chapeuzinho (2005), Espelho, espelho meu (2012), Enrolados (2010), João e Maria: caçadores de bruxas (2013) e Malévola (2013), por exemplo.

Além disso, outras produções valendo-se da técnica do cinema, readaptaram os clássicos contos de fadas para uma linguagem mais complexa e dirigido, de certo modo, ao público adulto. Dentre essas produções, destacamos Branca de neve, A Bela e a Fera e Cinderela, por exemplo. Nesse sentido, tais produções incumbiram-se de diminuir a negatividade das histórias originais, mas, mesmo assim, ainda há resquícios do mundo assustador que habitam nas histórias. Segundo Bruno Bettelheim:

O conto de fadas é orientador para o futuro e guia da criança-em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente- a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (BETTELHEIM, 1980, p. 19).

Em certas ocasiões, o mundo da fantasia nos ajuda a refletir sobre os destinos possíveis, escolhas, sobre as quais associamos à vida real. Ilumina cantos obscuros do nosso ser, em virtude da fantasia que guardamos, decorrente da ficção que é alimentada na infância, assim como discorre o autor: “os contos de fadas deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a história revela sobre a vida e a natureza humana (BETTELHEIM, 1980, p. 59).

O conto de fadas passa a ser uma literatura convincente para a criança, na qual passa a acreditar, pensar e experimentar, de acordo com sua visão a despeito do mundo. De acordo com Bettelheim, “ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos” (BETTELHEIM, 1980, p. 59).

A valorização ideal construída pela criança está nas características dos heróis ou personagens românticos na literatura, servindo de padrão ideal para serem imitados. Por isso que, com o surgimento da literatura para as crianças e jovens, foram criados os grandes heróis aventureiros e invencíveis, que hoje formam os Super-heróis que invadem as histórias em quadrinhos e filmes de cinema. Tais criações, na imaginação da criança, deve ser modelo de imitação, o que nos remete a grande influência das criações literárias na conduta infanto-juvenil.

Considerados modelos de narrativa apresentam uma estrutura de começo (situação inicial), um conflito e processo de solução (meio) e por sucesso final (fim). Nessa sequência, o conto para as crianças é de compreensão fácil, pois atende suas necessidades de pensamento mágico, ou seja, caracteriza-se pelo inicial estado de precariedade que no decorrer da história seus personagens acabam caminhando para o triunfo final.

Tanto para as crianças de antigamente como para as de hoje, há o marco de palavras mágicas que possuem formulações inicialmente: Era uma vez..., Há muito tempo..., Em um reino tão distante... outro aspecto que regula essas narrativa é o final: afinal de contas todos já ouvimos ou lemos uma história em que no final, os protagonistas foram felizes para sempre e é isso que nos remete a um tempo distante do passado onde as histórias foram geradas com a independência de tempo e espaço (ambiente), sempre associadas às histórias de contos de fadas.

LIÇÕES, ATITUDES E INTENÇÕES NOS CONTOS DE FADAS

Os contos possuem suas formas e estruturas que apresentam imagens às crianças fazendo com que desenvolvam o campo imaginário, o que de certa forma refletirá em suas vidas. As fadas são apresentadas, em muitos contos, como personagens boas, indivíduos de bem para a sociedade, inseridas protetoras e que possuem um papel importante para outros personagens. Mas isso não é uma regra.

Envolvem o emocional e psicológico da criança fazendo com que compreendam inconscientemente soluções temporárias para as dificuldades existentes, fazendo-as se identificarem ainda mais com os contos. É o que explica Góes no seguinte relato “O conto de fadas coloca um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança apreender o problema em sua forma mais existencial” (GOÉS, 1991, p.120).

Há neles, a apresentação de valores éticos e atitudinais que auxiliam na formação do indivíduo, pois as histórias são um conjunto de saberes, que formam a comunicação entre aquele que inicialmente apresenta a leitura, e a criança; causando um grande impacto em seu alvo, mostrando-lhe um mar de aventuras e diferenças sociais que refletem no mundo real, fazendo com que a criança associe as histórias lidas com questões que nos rodeiam, dentre elas, questões étnicas e culturais, relevantes para o indivíduo e sua moralização.

Por meio das histórias infantis, as crianças despertam seu interesse pelo mistério, pois algumas histórias incluem elementos assustadores, despertando o medo e o fascínio, gerando curiosidade e excitação nas partes dos contos de fadas mais amedrontadoras, exigindo que os adultos repitam várias vezes. Com o medo, as histórias trazem sempre uma solução para como enfrentá-los, preparando-os para os problemas reais.

Assim, os contos trazem a vitória das forças do bem, para que sirva de influência para a construção moral das crianças, fazendo-as entender que fazer o certo lhes trará sucesso, e que o crime não compensa. Por meio disso, as crianças se identificam e sofrem junto com o herói (protagonista), em suas lutas, restando sempre vitorioso e mostrando-lhes a visão do comportamento bom e a função social de cada personagem. Como aborda Bruno Bettelheim:

É assim que também o conto de fadas retrata o mundo: as figuras são a ferocidade encarnada ou benevolência altruísta... [...]. Cada figura é essencialmente unidimensional, capacitando a criança a entender suas ações e reações facilmente. (BETTELHEIM, 1980, p.92).

Nesse sentido, os contos possuem papel fundamental de inserir a criança em um mundo mágico, com personagens incríveis, com as quais somente ela, com sua imaginação, poderá alcançar grandes descobertas e suas curiosidades serão sanadas.

O importante dessas obras é que ao criá-las, os autores se atentam ao que causarão às crianças, com personagens com determinadas roupas, fisionomia, cenários, ambientes em que estão inseridos e cores, remetendo os leitores a exercitar suas imaginações.

Desta maneira, os contos de fadas são as obras mais influenciadoras escolhidas pelos professores, pois, são nelas que as crianças encontram a associação daquilo que leram com o cotidiano. A autora concorda neste ponto que “na mistura do fantástico e da intimidade familiar, que reside todo encanto e atração

dessa literatura” (GOÉS, 1991, p.118). É uma mistura do maravilhoso poético com o realismo doméstico.

Como vimos, todos os contos possuem uma grande lição de moral no final, a qual não está exposta explicitamente. Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos*, relata bem cada um, analisando seus personagens e suas histórias.

Branca de neve e *A Bela adormecida*, por exemplo, relatam acerca do encorajamento e empoderamento, valores necessários a serem construindo junto às crianças, favorecendo, assim, a elevação da autoestima e a construção de uma identidade mais positivo.

Já em *Cinderela* e *O patinho feio*, temos aspectos importante que nos fornecem excelente material para auxiliar-nos a enfrentar o preconceito e a imposição de padrões, por exemplo.

Charles Perrault, em seus livros, não queria somente entreter o público, mas também passar uma lição de moral de forma indireta em cada um de seus contos criados, porém se detalhar os seus significados à criança, os contos perdem seu valor, tornam-se contos da hora de dormir.

Todos os seus trabalhos possuem a qualidade de uma obra de arte, pois contêm fragmentos e documentos de todos os povos daquela época, mostrando com os personagens a bondade, maldade, prudência e curiosidade.

A história original de Perrault, em *Chapeuzinho Vermelho*, propõe, no final, um pequeno poema com uma lição de moral, o qual enseja que meninas bonitas não podem dar ouvidos a todo tipo de gente, isso porque os lobos (representam a figura sedutora masculina e tendências animais dentro de nós) podem devorá-las, ou seja, onde leva a sedução gera a maldade.

O conto *João e Maria* também, possui uma relação com a história de *Chapeuzinho Vermelho*, pois ambas se passam no mesmo lugar, porém em situações diferentes. Em *João e Maria*, o conto remete-nos aos problemas de abandono de seu laço materno como uma dificuldade a ser enfrentada pela criança, pois a história apresenta crianças sendo abandonadas por sua madrasta e são pegos por uma bruxa má que tem a intenção de comê-los, apresentando como tema central, o canibalismo.

As histórias mostram um dilema de princípios de realidade *versus* prazer no qual *chapeuzinho*, que saiu de casa voluntariamente, deixando de obedecer a conselhos de sua mãe, porém não temendo o mundo externo sem reconhecer o perigo, nos remete ao que gostamos e o que devemos realmente fazer. Nesse sentido, Bettelheim nos apresenta uma abordagem mais ampla, visto que:

Se o mundo fora do lar e do dever se torna atraente demais, poderá acontecer uma volta a um comportamento baseado no princípio do prazer que, presume-se, *Chapeuzinho* já havia abandonado em favor do princípio da realidade, graças aos ensinamentos paternos — podendo então ocorrer graves choques. (BETTELHEIM, 1976, p.9).

A cor da capa vermelha de *Chapeuzinho* representa as emoções violentas e sexuais, o que Bettelheim (1976) em seu livro, mostra detalhadamente no que Perrault, certamente tinha uma explicação relacionada ao comportamento do lobo em relação à *chapeuzinho*, em não a devorar assim que a vê, reincidindo a história sobre a sedução sexual.

Entretanto, na versão dos irmãos Grimm, pois o lobo terá que acabar primeiro com a vovó para realizar seu desejo de devorar *Chapeuzinho* tendo o caçador como uma figura (heroica), que salva os bons e castiga os malvados.

No tocante às aproximações das histórias de Chapeuzinho Vermelho e João e Maria, Bettelheim (1976) infere que a criança que desobedecer às figuras (maternas e paternas), provavelmente será penalizada. E, nesse sentido, isso é errado, visto que as crianças são impelidas a aprenderem com o perigo, o risco.

Assim como em Chapeuzinho Vermelho e João e Maria, outros contos, também, existe a lição de moral, como dizer sempre a verdade ou ajudar ao próximo. Assim como na história de Pinóquio, personagem criado por Gepeto, que cria um boneco de madeira, que posteriormente ganha vida através de uma fada e um grilo falante. Porém, a cada mentira que o boneco conta e a cada uma que apronta, cresce seu nariz, e depois que ganha orelhas de burro por fugir da escola Pinóquio se arrepende e vira um menino de verdade.

Outro conto de moralização é a Branca de Neve: a personagem é considerada a mais bela do reino, o que desperta inveja na rainha má ao ouvir do espelho mágico essa afirmação que a deixa com muita raiva, a ponto de mandar um caçador matar Branca de Neve, que no ápice de fazê-lo, na floresta, acaba poupando-lhe a vida e é acolhida por sete anões, mas a bruxa a envenena com uma maçã e com um beijo do príncipe encantado que acaba despertando-a.

Nesta obra, existem sentimentos como a inveja e vingança, que quando alimentadas trazem a infelicidade. É visto, também, o amor dos anões pela Branca de Neve, e a generosidade que lhe dedicam a fim de protegê-la das maldades da Bruxa.

Trazendo as morais de sempre: ajudar ao próximo, não desejar a vingança, inveja e vaidade, as histórias dos contos de fadas não mostram um mundo cor de rosa e só terminam quando todos os personagens aprendem suas lições.

O PROFESSOR E O COMPROMISSO COM A LITERATURA INFANTIL

A teoria de Vigostky (2014) enfatiza que toda obra literária primeiramente é apresentada ao público adulto, para ser apresentada ao infantil. Para isso, precisamos preencher o espaço que separa adultos da infância, reaprendendo a olhar, pois com o tempo se perde a nitidez de como essas morais apresentadas nas obras exercem eficácia em seus cunhos influenciadores.

O mesmo também ressalta que combinar o novo com o antigo lança as bases da atividade criadora tipicamente humana, fazendo com que a principal lei à qual se adequa a função imaginativa seja trazendo a questão de que quanto mais rica for a experiência humana, maior será o material colocado à disposição da imaginação.

Para Bettelheim, para que a criança encontrar sentido na vida é preciso que os pais tenham suma importância diante delas. Diante disso, o autor afirma que:

Nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; m segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança de maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação. (BETTELHEIM, 1980 p. 12).

Para a criança o primeiro ato é o de ouvir a história, por meio da narração dos pais ou professores, o segundo ato é de forma direta: lendo a história, devendo ser uma leitura prazerosa; fazendo surgir o aprimoramento da habilidade da leitura e escrita, ajudando desde cedo na construção do indivíduo.

A autora Regina Zilberman dispõe que a literatura transmite, por meio de recursos fictícios, ensinamentos a serem usados na realidade, ou seja, uma visão

adulta de mundo, que serve enseja em condutas a serem exercidas no cotidiano. Zilberman nos aborda da seguinte ideia:

A literatura sintetiza por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente [...] o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

O domínio da língua de acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN) gera a garantia ao homem o poder da comunicação, pois é através dela que expressa e defende pontos de vista, tem acesso à informação, constrói visões de mundo e produz conhecimento (BRASIL, 1997).

Sendo um veículo de transmissão de experiências coletivas de acordo com as épocas tomaram-se diferentes formas de técnicas, como o tipo de escrita, o uso da ilustração, o formato do livro, e o estilo da linguagem.

Como fundamento de tal afirmação, Ligia Cadenartori cita em seu livro que “Além de ensinar a língua, a literatura seria veículo de informações. Supriria as grandes lacunas intelectuais dos alunos, oferecendo também elementos formativos” (CADENARTORI, 2010, p. 8).

Tal incentivo se faz necessário quando analisamos que existem muitas famílias que não fomentam a leitura de seus filhos, e isso se dá por diversos motivos. Algumas não têm o tempo necessário para acompanhar o filho com a leitura, ou simplesmente acreditam que é um processo inútil que não requer atenção.

Por conta disso, a criança se torna totalmente desinteressada, leiga de histórias clássicas e com dificuldades para leituras básicas. Por conta da falta de leitura, acabam não construindo parte da educação moral que esse processo poderia trazer, tendo dificuldades em suas escolhas e interpretação de muitos assuntos sociais.

Isso remonta também à falta de valor que é dado às obras literárias, as quais vêm perdendo sua essência e a finalidade de construir pensamentos, ideias e valores, situação vista principalmente no público adulto, gerando consequências para o público infantil, pois são eles que viabilizam a leitura de um livro por uma criança.

Os pais e professores podem exercer tal influência ao fazer com que as crianças enxerguem a leitura como uma forma altamente ativa de lazer, o que viabiliza que a literatura exerça seu papel relevante de tornar a criança um ser crítico, mais consciente e produtivo. Nesse sentido, Cunha revela que:

Em vez de propiciar, sobretudo repouso e alienação (daí a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor-leitor. (CUNHA, 1997, p.47).

Fanny Abramovich (1989), por sua vez enfatiza que, para a formação da criança, é necessário se ouvir muitas histórias, ler para elas, para propicia-las a experiência de poder de rir e gargalhar com as situações vividas pelos personagens, além de ter a possibilidade de descobrir um mundo de conflitos, e cada vez mais se identificar com algum personagem, criando emoções importantes como a raiva, a

tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras.

O narrador necessita saber aproveitar o texto, dominando cada detalhe da história, evitando as descrições imensas e cheias de detalhes para justamente deixar o imaginário da criança aberto para o pensar, sabendo também como usar as modalidades e possibilidades da voz.

Com essa ênfase, Mário Corso nos declara que “contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças: é um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento: a ficção” (CORSO, 2006, p.17).

O autor também ressalta que: “ouvir histórias é um dos recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu lugar, na família e no mundo” (CORSO, 2006, p. 16). Isso também constrói a importância da leitura e demonstra sua imprescindibilidade. O triste é que mesmo com muitos livros em disposição, existem crianças e jovens que leem pouco.

Crianças que direcionam suas energias aos meios eletrônicos, para alguns brinquedos ou atividades de seu interesse, pois não veem incentivos e relações dos adultos com o livro. Tais experiências não são de todo errado, porém, para a construção mental e desenvolvimento cultural é necessário que exista espaço amplo para a leitura de grandes obras literárias.

O prazer em ler leva a intensidade e a capacidade da entrega do leitor ao livro. Isso atribui ao escritor uma responsabilidade de fazer com que a leitura seja lúdica e pedagógica, a fim de alcançar o interesse da criança, sendo necessário o constante renovo e diversificação de seus escritos. Ainda, para a autora, “a atitude prosaica e desencantadora do adulto é que vai aos poucos minando a ligação entre criança e livro” (CUNHA, 1997, p.50).

A literatura possui uma tarefa de transformação da sociedade, em especial a responsabilidade de formação de mundo das crianças. Assim como relata a autora supracitada: “já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite” (COELHO, 2000, p.15). O primeiro acesso a tal instrumento primordial é a escola.

Continuando, a autora afirma que a valorização da escola vem a ser denominada como um espaço privilegiado, pois é o ambiente em que deve ser tida uma base para a formação do indivíduo, devendo ser acessível e orientador, promovendo privilégios aos estudos literários, isso pois, junto à essa formação basilar, as crianças conseguem chegar ao seu autoconhecimento viabilizando o acesso a sociedade ao qual ele pertence.

Para que o Professor alcance seus objetivos educativos de maneira eficaz e construtiva, utilizam um processo de ensino e aprendizado mais significativo, com o auxílio de histórias de contos de fadas, abordando-as com seus alunos, de forma cativante, despertando uma admiração pelo livro, pela história e pela leitura, trazendo curiosidades que as levam por grandes reflexões quando associadas a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento desse artigo, foi possível perceber que a leitura é basilar para o progresso na aprendizagem e na formação do leitor, mediante incentivo da família, pais e professores, que ajudam no desenvolvimento do hábito de ler e na aquisição de pensamentos críticos do leitor com relação ao texto.

Deve ser trabalhado, desde cedo, ainda na Educação Infantil, que a literatura é um recurso extremamente rico em possibilidades pedagógicas, escola e família precisam ter o compromisso em abordar que ao contar uma história, por exemplo, não está apenas repetindo aquilo que está no livro. Mais que isso, esse ato perpassa a imaginação, a sensibilidade e a criatividade e favorece a criação de repertórios em torno dos temas abordados no livro.

No decorrer desse artigo, tais proposições encontram respaldo nos estudos realizados por psicólogos, pedagogos, educadores, terapeutas, pesquisadores e filósofos como Vygotsky, Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman, dentre outros, que enfatizam o papel dos contos no uso para finalidades terapêuticas, para a construção da identidade pessoal da criança, jovens e adultos e para a compreensão do real envolvendo o imaginário.

Na escola, os professores devem reforçar esse incentivo, mostrando motivação ao narrar uma história, ao apresentar as imagens, na representação dos sons, em atividades a serem desenvolvidas em torno da leitura e na realização de projetos.

O professor como um dos maiores influenciadores da leitura para a criança, apresenta à medida como a criança deve exercer seu papel de pensador na sociedade. Os adultos podem mudar a visão da criança, transformando seu caráter a partir de suas influências, a partir dos contos.

É muito difícil ensinar, mostrar os significados da vida, a identidade de cada indivíduo, compreensão da realidade à criança de forma crua. Para isso o uso da Literatura Infantil de gênero contos de fadas estão interligados e possuem uma missão e poder de transmitir, construir seu sujeito crítico literário de modo moralmente e lúdico que facilitam aos processos de ensino-aprendizagem. Isso porque, de forma simplória, o conto sob forma simbólica leva a criança a identificar-se com os personagens de acordo com os conflitos vividos na história e a associar tais mensagens com sua realidade, o que torna um método de ajuda para a obtenção de soluções para o tal conflito.

Na Educação Infantil, é importante enfatizar que o professor-leitor deve estar capacitado a motivar, entreter, incentivar, atender suas curiosidades, buscando o aprimoramento e habilidades ao se contar uma história de maneira pedagógica e lúdica com atividades práticas, com o objetivo da construção e ativação do imaginário e da fantasia do ouvinte, questionamentos, interesses pela leitura, incentivos ao hábito de ler, levando grandes desafios do professor diante dos alunos.

Nesse caso, o artigo se apresenta como relevante para os passos de integração disciplinar entre a literatura e a arte, visto que as duas áreas do conhecimento perpassam pela ludicidade, favorecem a imaginação e a (re) criação de finais — felizes ou não —, mas dotados do exercício infinito e necessário que é fechar os olhos e imaginar além daquilo que era uma vez...

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ANDERSEN, Hans Christian, GRIMM, Jacob e Wilhelm, PERRAULT, Charles e outros. **Contos de fadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUM, Lyman Frank. **O mágico de Oz**. Chicago: George M. Hill Company, 1900.

Branca de neve e o caçador. 127 min. Disponível em: < http://www.cinecartaz.publico.pt/Filme/304866_branca-de-neve-e-o-cacador> Acesso em 12 de out. 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa**. Brasília, MEC, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos**. Rio de Janeiro: Paz Terra, 1980.

CADENARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã. Psicanálise nas Histórias infantis**. São Paulo: Artmed. S.A, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1997.

Deu a louca na Chapeuzinho – A verdadeira história. 80 min. Disponível em: < <https://filmow.com/deu-a-louca-na-chapeuzinho-t1293/>< Acesso em 07 de out. 2017.

DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação: O caminho de tijolos amarelos de aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Enrolados. 1h 41min. Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-135523/>< cesso em 08 de set. 2017.

Espelho, Espelho Meu. 1h 45min. Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-185932/> < Acesso em 08 de set. 2017.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura: Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

GRIMM. Jacob e Wilhelm. **Contos de fadas**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

João e Maria: Caçadores de Bruxas. 1h 28min. Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-175244/> < Acesso em 12 de set. 2017.

Malévola. 1h 37min. Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-201429/>< Acesso em 12 de ago. 2017.

PERRAULT, Charles. **Contos da Mamã Gansa ou Histórias do tempo antigo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.